

Walt Eugénio de Whitman Andrade:

Somos feitos de pó de estrelas¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

Palavras-chave: Walt Whitman, Eugénio de Andrade, intertextualidade, uno, religião

Keywords: Walt Whitman, Eugénio de Andrade, intertextuality, one, religion

“Sê humilde, porque és feito de terra.
Sê nobre, pois és feito de estrelas”.
— Adágio sérvio

1. Sábados em órbita

Os sábados eram o meu dia favorito. No início da década de oitenta, passava a semana à procura de uma desculpa para me escapular da sessão de catequese, alguns minutos mais cedo. Se o meu argumento convencia a monitora — como sucedia frequentemente, quando eu fazia pose de menino de coro —, eu precipitava-me desde o centro paroquial da Vera Cruz para casa e ligava a televisão, à espera da magia. Após uma longa hora e meia a memorizar os preceitos divinos, com a velha e paciente catequista, o jovem eu aprendia uma outra história, bem diversa, sobre a criação do universo.

O locutor do programa era um astrónomo norte-americano de renome: Carl Sagan (1934-1996); a série intitulava-se *Cosmos* (1980), e foi vista por quinhentos milhões de espetadores em todo o mundo. Será justo afirmar que constituiu um verdadeiro berçário de cientistas, graças ao carismático Sagan, que explicava os mistérios do universo, em palavras simples. Não importava que o aparelho fosse a preto e branco, porque as imagens e as palavras do astrónomo coloriam as galáxias mais longínquas; era irrelevante que o *écran* não ultrapassasse os dois palmos e meio: Sagan fazia a sala de jantar ter a infinidade do universo. Isto porque os cenários eram de uma beleza estonteante: galáxias, mundos perdidos, estrelas em formação, buracos negros.

A velha catequista, com o carrapito perfeito e a voz monótona, não podia competir com

¹ Mancelos, João de. “Walt Eugénio de Whitman Andrade: Somos feitos de pó de estrelas”. *Teografias: Sentimento religioso e cosmovisão literária* (Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro) 1 (2012): 99-109. ISSN: 2182-5998.

o poder comunicativo de Carl Sagan, o meu ídolo da adolescência. Deixei crescer o cabelo para me parecer com o astrónomo; enquanto os colegas de escola colavam na parede pósteres de grupos de *punk rock* ou de raparigas avantajadas (pelo menos os que podiam comprar a *Playboy*), eu recortava da *TV Guia* fotografias de Sagan em frente às pirâmides, nos jardins de Cambridge, projetado sobre um fundo de estrelas, ou na Biblioteca de Alexandria, reconstruída por computador.

Foi por um triz que não perdi a fé, para mais naquela idade, de todas as dúvidas. Mais depressa memorizei máximas como “Um clérigo celibatário é uma excelente ideia, porque suprime qualquer propensão hereditária para o fanatismo”, do que os Dez Mandamentos; e afirmações como “É preferível compreender o universo, tal como ele é, do que persistir na ilusão religiosa, por mais reconfortante que esta seja” (Sagan, 2011) fizeram tremer os dogmas que a catequista me havia tentado inculcar.

2. Quando uma borboleta bate as asas, todo o universo treme

Do programa televisivo, retive sobretudo uma máxima, surgida no oitavo episódio: “A Terra e todos os seres vivos são feitos da matéria das estrelas”. Na altura, não conhecia a obra de William Shakespeare (1564-1616), para descortinar a subtil intertextualidade com os memoráveis versos “We are such stuff / As dreams are made on, and our little life / Is rounded with a sleep”, extraídos de *The Tempest* (1611). Sagan aludia aos componentes químicos básicos que existem no corpo humano e foram forjados na fornalha das estrelas, algures no início do universo. Numa entrevista conduzida por John Cott, o astrónomo explica:

We’re made of star stuff — the calcium in our teeth, the carbon in our genes, the nitrogen in our hair, the silicon in our eyeglasses. Those atoms were all made from simpler atoms in stars hundreds of light-years away and billions of years ago. It’s an astonishing thing; we’re so tied to the rest of the cosmos. (Cott, 2006: 62)

A ideia de que eu, um jovem de quinze anos, pudesse incorporar a mesma massa do sol, constituiu uma epifania. Somos pó de estrelas; como tal, o que fizermos terá impacto no universo, e o que suceder no cosmos afetar-nos-á. Esta verdade, a um tempo química e poética, fora já entusiasticamente anunciada por filósofos de várias culturas, antes de ser descoberta pelos cientistas. Segundo a escola budista de T’ien-T’ai, o ser humano liga-se a todas as coisas, numa relação de interdependência. Assim, o mais simples ato tem o potencial de desencadear

uma série de acontecimentos, afetando o Outro e o universo. Como afirma um dito asiático, “quando uma borboleta bate as asas na China, há um tremor de terra no outro lado do mundo”. Esta interdependência é explicada de forma clara por Merv Fowler:

(...) each life-moment of a person will have an effect on the whole of the universe to which it is so inextricably bound and thus can affect the universe positively, negatively or neutrally. Thus, this is a theory of the unity of the universe, suggesting that the macrocosmos of the cosmos is held within one moment of life but, at the same time, the essence of each individual pervades the whole universe. T'ien-t'ai believed this was the knowledge which the Buddha awakened to at his Enlightenment — knowledge of the fusion and mutual relation of all things, knowledge of the mystic realm of life. (Fowler, 1999: 122-123)

Alguns escritores norte-americanos do século XIX reciclaram e adaptaram esta ideia, afirmando que o ser humano era uma parte do cosmos e continha em si todo o universo. Entre eles, destaco dois expoentes do transcendentalismo: Ralph Waldo Emerson (1803-1882) e Walt Whitman (1819-1892). A sua influência na literatura norte-americana e universal foi incontornável — basta pensar que, sem Whitman, talvez Alberto Caeiro nunca tivesse existido, Álvaro de Campos não teria a mesma pujança modernista, e a poesia de Eugénio de Andrade perderia um dos seus mais estimados tutores.

3. As duas margens do Atlântico

Em 1989, cumpria o meu semestre como estudante Erasmus no então Polytechnic of North London. Um dos meus dois professores de Literatura Norte-Americana, Earl Rovit, importado do City College of New York, gostava de tecer comentários acerca dos autores de além-Atlântico. Numa das suas observações, Rovit argumentava que o Transcendentalismo existira sobretudo por causa da paisagem que envolvia aqueles escritores do século XIX. Na altura, a timidez impediu-me de levantar o braço e perguntar: como pode um movimento filosófico e literário tão complexo ser influenciado pelas hortas de Ralph Waldo Emerson (1803-1882) e Henry David Thoreau (1817-1862)? E que dizer em relação a Whitman (1819-1892), poeta urbano, que se proclamava filho de Manhattan (Whitman, 1986: 86), e vivia na metrópole nova-iorquina?

Posteriormente, revi o meu ceticismo e dei razão ao Professor Rovit. A natureza moldara, sem dúvida, o Clube Transcendentalista, como lhe chama a ensaísta Kathryn Van

Spankeren (1994: 27). Com os seus lagos e pântanos, florestas e bosques, colinas e praias arenosas, a Nova Inglaterra é uma região de grande beleza. Quase todos os transcendentalistas residiam ou visitaram a área: para além dos nomes mais sonantes do movimento (Emerson e Thoreau), a feminista Margaret Fuller (1810-1850) e Bronson Alcott (1799-1888), pai da autora de *Little Women*.

O meio ambiente fazia parte da vida destes homens e mulheres, e alguns até se aventuraram a lavrar a terra, nas comunidades rurais de Fruitlands ou de Brook Farm, esta última fundada pelo pastor unitariano George Ripley (1802-1880). Tal como outros companheiros das letras, num rasgo de entusiasmo e utopia, Nathaniel Hawthorne (1804-1864) estabeleceu-se em Brook Farm, em 1841, quando tinha 37 anos. Aqui, o autor planeava construir uma habitação, viver do cultivo e casar com a bela Sophia Peabody. O trabalho demasiado árduo e a falta de tempo para as musas obrigá-lo-iam a abandonar o seu projeto um ano depois, como explica nas páginas de *The Blithedale Romance* (1852). Contudo, Brook Farm permaneceu como um modelo de comunidade utópica, intimamente ligada à natureza, e bem ao gosto dos transcendentalistas (Cunliffe, 1986: 114-115).

Uma prova mais simples da posição central do ambiente no pensamento destes filósofos e escritores encontra-se no título do célebre ensaio *Nature* (1836) de Emerson, que se espria por oito subtítulos: “Nature, Commodity, Beauty, Language, Discipline, Idealism, Spirit, Prospects”. O autor associa as sete áreas mencionadas ao meio, cultivando a relação entre natureza e cultura, uma trave-mestra da identidade norte-americana (Santos, 1994: 10).

Neste e noutros ensaios, Emerson revela acreditar na existência de um relacionamento oculto e perpétuo, entre os seres humanos e a natureza, de tal modo poderoso que ambos se fundem no chamado Uno. Cada pessoa é uma entidade singular, irrepetível e, ao mesmo tempo, um elemento que integra o cosmos. No estudo “The Over-Soul”, o Sábio de Concord proclama, entusiasticamente: “(...) the heart in thee is the heart of all; not a valve, not a wall, not an intersection is there anywhere in nature, but one blood rolls uninterruptedly an endless circulation through all men, as the water of the globe is all one sea and, truly seen, its tide is one” (Emerson, 1983: 399).

Ainda no mesmo ensaio, Emerson defende: “within man is the soul of the whole; the wise silence; the universal beauty, to which every part and particle is equally related; the eternal ONE” (Emerson, 1983: 386). Emerson acreditava que uma presença espiritual — a que chamou “over-soul” e que eu traduziria por supra-alma ou alma do universo — envolvia tanto os humanos como a natureza. Sem dúvida, as leituras que este ex-pastor unitariano fez de obras

filosóficas e religiosas orientais contribuíram para esta cosmovisão inclusivista (Gray, 2008: 130).

Contudo, a forma de interpretar os meios de ligação entre o humano e o universo variava consideravelmente do espiritual Emerson para o sensual Whitman. E, quando o poeta de Brooklyn publicou *Leaves of Grass* (1855), foi como se um profeta antigo e íntimo à natureza anunciasse uma nova idade para o Homem do século dezanove.

4. Avé, Whitman!

Não seria de esperar que uma obra de aspeto tão inocente causasse tal agitação junto dos leitores norte-americanos. A primeira das nove edições de *Leaves of Grass*, surgida em Brooklyn, em julho de 1885, tinha apenas noventa e cinco páginas. Apresentava uma capa verde, com letras retorcidas e, em vez do nome do poeta, surgia um daguerreótipo de um jovem envergando roupas idênticas às de qualquer trabalhador braçal da época e um chapéu de palha que lhe assentava particularmente bem. Para descortinar o nome do criador daqueles versos seria necessário consultar a indicação do *copyright*, em nome de Walter Whitman. Nenhum outro dado — local de nascimento, profissão, interesses ou demais trabalhos escritos — ajudava a desvendar a maneira de ser daquela figura singular ou o seu propósito com a publicação de tal obra (Miller, 1991: IX).

A indumentária simples do homem ainda jovem, a ausência do nome do poeta, a edição de autor — tudo sugeria uma modéstia típica das classes trabalhadoras norte-americanas, vistas pelos Europeus como fraternais e despretensiosas. Sem surpresa, no poema “*Song of Myself*”, Whitman assumia-se como um homem simples, que gostava de beber, fazer amor, e acreditava piamente na Democracia como meio para igualar ricos e pobres, homens e mulheres, escravos e senhores:

Walt Whitman, an American, one of the roughs, a kosmos,
Disorderly fleshy and sensual... eating drinking and breeding,
No sentimentalist... no stander above men and women or apart from
them... no more modest than immodest.

Unscrew the locks from the doors!
Unscrew the doors themselves from their jambs!

Whoever degrades me degrades another... and whatever is done or
said returns at last to me,
And whatever I do or say I also return.

Through me the afflatus surging and surging... through me the current

and index.

I speak the password primeval... I give the sign of democracy;
By God! I will accept nothing which all cannot have their counterpart
of on the same terms.
(Whitman, 1986: 86)

Versos arrebatadores como estes, celebrando o homem natural, não podiam deixar de surpreender Emerson. Numa carta datada de 21 de julho de 1855 (talvez a mais famosa alguma dia escrita a um escritor aspirante), o transcendentalista augurou uma grande carreira ao poeta de Brooklyn:

Dear Sir,
I am not blind to the worth of the wonderful gift of *Leaves of Grass*. I find it the most extraordinary piece of wit and wisdom that America has yet contributed. I am very happy in reading it, as great power makes us happy. It meets the demand I am always making of what seemed the sterile and stingy nature, as if too much handiwork, or too much lymph in the temperament, were making our western wits fat and mean.
(...)
I greet you at the beginning of a great career, which yet must have had a long foreground somewhere, for such a start. I rubbed my eyes a little, to see if this sunbeam were no illusion; but the solid sense of the book is a sober certainty. It has the best merits, namely, of fortifying and encouraging.
(apud Price, 1996: 87)

Uma faceta da obra, agradou, em particular, ao pai do transcendentalismo, e aos simpatizantes que se aventuraram pelas páginas do livrinho verde: a crença na unidade cósmica que mencionei. A poesia de Whitman está pejada de exemplos, mas bastaria um único verso do texto *The Sleepers* (1855), publicado sem título na primeira edição (Oliver, 2006: 175-176), para negar qualquer ideia de fracionamento ou pluralidade analítica: “The diverse shall be no less diverse, but they shall flow and unite — they unite now” (Whitman 1986: 447).

Nas próximas páginas, analisarei alguns dos principais exemplos desta trave-mestra da obra whitmaniana e a influência que, cerca de cem anos após a primeira edição, intertextualmente produziu na poesia de um escritor epígono (em sentido positivo) e atento ao rumor das vozes literárias do além-Atlântico: Eugénio de Andrade (1923-2005).

5. Uma voz canta noutra voz

Em Maio de 2011, num congresso, tive a grata oportunidade de conversar com uma pessoa que conviveu com Eugénio de Andrade e o conhecia bem. Entre outros apontamentos da memória, esse colega contou-me que a admiração de Eugénio por Whitman era tal que este tinha uma fotografia do autor de *Leaves of Grass* no quarto de banho. Embora seja uma estranha forma de homenagem, não me surpreendeu, dada a estima literária, tantas vezes reiterada, que Eugénio detinha pelo norte-americano.

Alexis Levitin, tradutor da obra eugeniana para língua inglesa, comenta esta atração:

Eugénio referiu-se em muitas das nossas leituras à importância que a figura de Walt Whitman teve para ele. Na Universidade de Temple, dedicou a sua leitura de poesia a esse grande pioneiro. Mas no decurso da nossa estada na região de Filadélfia, teve ocasião de prestar uma homenagem ainda mais respeitosa a este espírito seminal, visitando o seu túmulo e a sua última residêcia. (...) Eugénio deixou um ramo de flores entalado na grade de ferro forjado que o separava deste homem, que foi para ele um pai e um irmão. (Levitin, 1989: 15)

Na crónica “Areias de Portugal”, Eugénio concorda que “Whitman é uma fascinação antiga”, e acrescenta: “não foi só a poesia que me seduziu, foi também a personalidade, que é inseparável de quanto o poeta escreveu” (Andrade, 1995: 184). São frequentes as referências intertextuais ao autor de *Leaves of Grass* e à sua obra, em poemas como “Mediterrâneo”, “Walt Whitman e os pássaros”, “O rapazito de York”, “Carne de amor” ou “Washington Square”, etc. (Andrade, 2005: 214, 289-290, 408-409, 467, 469).

No segundo destes textos, talvez um dos mais imaginativos tributos feitos por Eugénio, o bardo de Manhattan surge como *persona*, amando Peter Dolye, numa fria noite de Inverno:

Ao acordar lembrei-me de Peter Doyle. Deviam ser seis horas, na Austrália em frente um pássaro cantava. Não vou jurar que cantasse em inglês, só os pássaros de Virgínia Woolf têm privilégios assim, mas o júbilo do meu pisco trouxe-me à memória a cotovia dos prados americanos e o rosto friorento do jovem irlandês, que naquele inverno Walt Whitman amou, sentado ao fundo da taberna, esfregando as mãos, junto ao calor do fogão.

Abri a janela, na escassa claridade que se aproximava procurei, em vão, a delícia sem mácula que me despertara. Mas de repente, uma, duas, três vezes, ouviram-se uns trinadinhos molhados, a indicar-me um sopro de penas que mal se distinguia da folhagem. Então, invocando antiquíssimas metáforas do canto, peguei no livro venerando que tinha à mão e, de estrofe em estrofe, fui abrindo as represas às águas do ser, como quem se prepara para voar. (Andrade 2005: 289-290)

É possível que Eugénio descobrisse Whitman através de Fernando Pessoa (1888-1935) ou García Lorca (1898-1936); certo é que numa férias estivais passadas com alguns amigos nas dunas de Fão, o poeta sentiu pela primeira vez todo o fascínio das páginas imortais de *Leaves of Grass*. Em tom edílico, relata esse tempo de descoberta, numa crónica de *À Sombra da Memória* (1993):

Depois do primeiro banho, numa corrida em pelo para a água, regressámos às dunas, aos livros. Estendidos na areia, era sobre o nosso corpo que a manhã se levantava. (...) A *Ilíada*, *Song of Myself*, *À la Recherche du Temps Perdu*, *Os Pescadores*, *A Morte em Veneza* são leituras desses dias — como esquecê-las? (Andrade, 1993: 12)

A influência de Whitman em Eugénio foi tema de vários artigos de minha autoria, reunidos em *O Marulhar de Versos Antigos* (2009). Recordo a importância que ambos atribuíram ao corpo, valorizando as experiências sexuais; o repúdio pela dualidade, que cinde a inteireza humana; e, na mesma linha, a celebração da pessoa como membro inscrito na esfera do universo, tema que abordo em seguida.

6. Uno

No ensaio “A Backward Glance o’er Travel’d Road”, que encerra as edições de 1889 e 1892 de *Leaves of Grass*, Whitman apresenta reminiscências; reflete sobre a sua vida; e medita acerca da importância e destino da poesia numa América cada vez mais industrializada — que Leo Marx designou pela sugestiva expressão “the machine in the garden”, a máquina no paraíso (Marx, 2000).

Nesta espécie de epílogo, o autor reafirma a crença, instintiva e misteriosa, num universo indivisível, que incorpora todos os seres vivos e não vivos, numa estreita relação de interdependência. O seu livro, tal como uma folha de erva, germina desses elementos, materiais ou espirituais, que povoam o cosmos, e influenciaram o autor ao longo de toda uma vida dedicada às letras e ao amor pelo semelhante:

While I cannot understand or argue it out, I fully believe in a clue and purpose in Nature, entire and several; and that invisible spirit results, just as real and definite as the visible, eventuate all concrete life and all materialism, through Time. My book ought to emanate buoyancy and gladness legitimately enough, for it has grown out of those elements, and has been the comfort of my life since it was originally commenced. (Whitman, 1986: 582)

Esta fé numa natureza inteira e indivisível é também partilhada por Eugénio. O escritor defende: “esse ser sedento de ser, que é o poeta, tem a nostalgia da unidade, e o que procura é uma reconciliação, uma suprema harmonia entre luz e sombra, presença e ausência, plenitude e carência” (Andrade 1995: 15). Nesta linha, Eugénio rebate o pensamento analítico, tão tipicamente ocidental e moderno: “Nunca nenhum dualismo serviu bem o poeta. Esse ‘pastor do Ser’ (...) é, como nenhum outro homem, nostálgico de um antiga unidade” (Andrade 1995: 19).

Na filosofia transcendentalista de Thoreau, Emerson ou Whitman, o corpo humano integra o universo, por um lado, e representa-o, por sinédoque. No poema “Song of Myself”, o bardo apresenta-se como “Walt Whitman, *a kosmos*, of Manhattan the son” (Whitman 1986: 86). Megalomania? Pelo contrário, trata-se de um ato de humildade: o sujeito poético não se afirma como o homem, mas sim como *um* indivíduo, igual a tantos outros. Juntamente com a multidão, é parte do universo. Segundo Richard Maurice Bucke, autor da primeira biografia de Whitman e seu amigo de longa data:

In the first place, it [*Leaves of Grass*] is a celebration or glorification of Walt Whitman, of his body and of his mind and soul; with all their functions and attributes — and then, by a subtle but inevitable implication, it becomes equally a song of exultation, as sung by any and every individual, man or woman (...). (Bucke, 1883: 159)

Um eco desta sinédoque do corpo como parte do universo pode ser encontrado na obra de Eugénio e nas entrevistas que concedeu. Por exemplo, em *Rosto Precário* (1979), Eugénio argumenta: “na minha poesia, o corpo insurge-se, diz coisas despropositadas, põe-se a blasfemar, chegando a pretender-se metáfora do universo” (Andrade 1995: 67).

Como afirmei no início deste artigo, citando Sagan, somos feitos de pó de estrelas. Esta verdade científica já fora pressentida pelo bardo de Long Island, em versos como este: “My tongue, every atom of my blood, form’d from this soil, this air” (Whitman 1986: 63). O poeta defende, assim, que um ser humano partilha com minerais, plantas e animais, elementos químicos comuns: “I find I incorporate gneiss, coal, long-threaded moss, fruits, grains, esculent roots / And I am stucco’d with quadrupeds and birds all over” (Whitman 1986: 94). O termo “incorporar”, ou seja, integrar no corpo, é particularmente sugestivo neste excerto.

Em “Song of Myself”, Whitman estreita ainda mais a dependência e semelhança entre os seres humanos e os elementos naturais, ao comparar a folhas de erva os pelos no peito dos

jovens, o cabelo encanecido das mulheres idosas, e a barba dos velhos:

Tenderly will I use you curling grass,
It may be you transpire from the breasts of young men,
It may be if I had known them, I would have loved them,
It may be you are from old people, or from offspring taken soon out
of their mothers' laps,
And here you are the mothers' laps.

This grass is very dark to be from the white heads of old mothers,
Darker than the colorless beards of old men
Dear to come from under the faint roofs of mouths.
(Whitman 1986: 68)

Segundo Philip Coleman, tal como a erva, os pelos no peito sugerem masculinidade e corpos férteis; na mesma linha, o colo das mães — referido duas vezes — representa quer o amor sexual, quer o afeto que liga as progenitoras aos filhos (Coleman, 1969: 48). Tendo em conta que a relva anuncia a Primavera e o renascimento da natureza, faz todo o sentido equiparar a virilidade dos jovens e das mulheres à pujança do meio ambiente.

Whitman recorre a uma técnica pela qual o corpo humano ou partes deste são comparadas a elementos da natureza: a *vegetalização*. Este processo surge também em Eugénio, e já foi alvo de vários estudos, um deles de minha autoria, a propósito do poema lírico “Green God” (Mancelos, 2009: 81-91). Sobre este traço da poesia eugeniana, Eucanãa Ferraz afirma que ocorre uma “dissolução do próprio sujeito, e (...) uma espécie de proximidade absoluta com a natureza” (Ferraz, 2004: 17); por seu turno, Gastão Cruz, releva: “Esta sobreposição, ou interpenetração, ou contiguidade entre o corpo e os demais elementos da natureza é permanente nos versos de Eugénio de Andrade e quase poderíamos dizer que não existe um poema em que ela se não manifeste” (Cruz, 2005: 122).

Os exemplos de *vegetalização* — comparações tecidas entre o corpo e flora — onde Eugénio revela a sua riqueza imaginativa, são recorrentes. Na bela composição “Green God”, o deus verde — talvez o Viridius celta, associado ao renascimento primaveril (Harding, 1998: 11) — *incorpora* elementos naturais:

Andava como quem passa
sem ter tempo de parar.
Ervas nasciam dos passos,
cresciam troncos dos braços
quando os erguia no ar.
(Andrade 2005: 23)

Outros exemplos de sensibilidade ao meio ambiente e imaginação comparativa encontram-se sobretudo nas primeiras obras do poeta: “Ó mãos da minha alma, / flores abertas aos meus segredos” (Andrade, 2005: 19); “Somos folhas breves” (Andrade, 2005: 28); “Deixa-me só, vegetal e só, / correndo como um rio de folhas” (Andrade, 2005: 62); “Um dia serei árvore”, etc. (Andrade, 2005: 360).

Tanto em Whitman como em Eugénio, a vegetalização constitui um processo para invocar e enaltecer a integração do ser humano no cosmos. Talvez que os grandes poetas sejam visionários e antecipem as realidades do porvir. Hoje, esta integração Humanidade/universo é frequentemente referida: nos meios académicos, pelos recentes estudos de ecocrítica; na política, pelos ecologistas; na ciência, por especialistas preocupados com o futuro. Como afirmava Carl Sagan, o que suceder ao planeta, acontecerá também à espécie humana:

Somos a encarnação local de um Cosmos que toma consciência de si-próprio. Começamos a contemplar as nossas origens: pó de estrelas meditando acerca das estrelas; ajuntamentos organizados de dez mil biliões de biliões de átomos, analisando a evolução do átomo; descobrindo a longa caminhada que, pelo menos para nós, levou ao aparecimento da consciência. Devemos a nossa lealdade às espécies e ao nosso planeta. Somos nós que nos responsabilizamos pela Terra. Devemos a nossa obrigação de sobreviver não só a nós próprios, mas ao Cosmos, vasto e antigo, de onde despontámos. (Sagan, 392-393)

Bibliografia

- Andrade, Eugénio de. *Poesia*. 2ª ed. revista e acrescentada. Posfácio de Arnaldo Saraiva. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 2005.
- . *Rosto Precário* (1995). 6ª ed. revista e acrescentada. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1995.
- Bucke, Richard Maurice. *Walt Whitman*. Philadelphia: McKay, 1883.
- Coleman, Philip. “Walt Whitman’s Ambiguities of I”. *Papers on Language and Literature* 5 (1969): 40-59.
- Cott, Jonathan. “The Cosmos”. *Conversations with Carl Sagan*. Ed. Tom Head. UP of Mississippi, 2006. 57-67.
- Cruz, Gastão. “Função e Justificação da Metáfora na Poesia de Eugénio de Andrade”. *Ensaios sobre Eugénio de Andrade*. Org. José da Cruz Santos. Porto: Asa, 2005. 118-125.
- Cunliffe, Marcus. *The Literature of the United States*. New York: Penguin, 1986.
- Emerson, Ralph Waldo. *Essays and Lectures*. 12th ed. New York: Literary Classics of the US, 1983.

- Ferraz, Eucanãa. "Eugénio: animal amoroso". *Relâmpago: Revista de Poesia* 15 (2004): 15-33.
- Fowler, Merv. *Buddhism: Beliefs and Practices*. Brighton: Sussex Academic P, 1999.
- Gray, Richard. *A History of American Literature*. Malden: Blackwell, 2008.
- Harding, Mike. *A Little Book of the Green Man*. London: Aurum, 1998.
- Harding, Walter. *The Days of Henry Thoreau*. New York: Knopf, 1965.
- Marx, Leo. *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*. Oxford: OUP, 2000.
- Miller, Edwin. *Walt Whitman's Song of Myself: A Mosaic of Interpretations*. Iowa City: U of Iowa P, 1991.
- Oliver, Charles. *Walt Whitman: A Literary Reference to His Life and Work*. New York: Facts on File, 2006
- Price, Kenneth. *Walt Whitman: The Contemporary Reviews*. Cambridge: CUP, 1969.
- Sagan, Carl. *Cosmos* (série). KCET, Carl Sagan Productions, 1980.
- . *Cosmos* (1980). Trad. Maria Aute de Barros, e Isabel Pereira dos Santos. Lisboa: Gradiva.
- Santos, Maria Irene Ramalho. "American Exceptionalism and the Naturalization of America". *Prospects: An Annual of American Culture Studies* 19 (1994): 1-24.
- Van Spanckeren, Kathryn. *An Outline of American Literature*. Washington: United States Information Agency, 1995.
- Whitman, Walt. *The Complete Poems*. London: Penguin, 1986.

Resumo

Somos feitos de pó de estrelas: esta é uma verdade científica, pois o organismo humano incorpora elementos químicos idênticos aos que compõem os astros (cálcio, carbono, nitrogénio, silicone). Antes dos astrofísicos revelarem este facto, já os escritores o tinham pressentido. Walt Whitman, Ralph Waldo Emerson e vários outros transcendentalistas intuíram que o corpo, a natureza e o cosmos estão interligados, não apenas porque a sua composição química é a mesma, mas também por existir uma interdependência entre todos os seres vivos e não vivos. Na esteira de Whitman, o poeta Eugénio de Andrade acreditava nesta visão inclusiva, aspeto que exploro no presente ensaio.

Abstract

We are made of stardust: this is a scientific truth, since the human organism incorporates chemical elements identical to the ones that compose stars (calcium, carbon, nitrogen, silicon). Long before astrophysicists revealed this fact, writers had sensed it. Walt Whitman, Ralph Waldo Emerson and several other Transcendentalists deduced that body, nature and cosmos are interconnected, not simply because their chemical composition is the same, but also because there exists an interdependency between all living and non-living beings. In the path of Whitman, Portuguese poet Eugénio de Andrade believed in an inclusive vision, an aspect I explore in this article.